

Nossos rastros... Nossas experiências...
Nossas infâncias

Patrícia de Moraes Lima¹

É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua e onde a estepe e o deserto se propagam.

(Deleuze, Mil Platôs, vol.5)

Esse texto-relatório reúne parte das nossas experiências no estágio em Educação Infantil que realizamos na Creche Chico Mendes- Florianópolis e que, neste momento, temos o desejo de socializar com as pessoas interessadas nesta leitura. Nos desafiamos em constituir um único relatório, compondo fragmentos de nosso percurso e sabemos que por lá deixamos outros tantos textos, escritos, sentidos e pensados. A escolha por sistematizar esses registros se deu por um movimento de partilha das nossas experiências neste estágio e portanto, trouxemos neste momento, as ressonâncias... experiências que nos atravessaram... que nos tiraram do eixo... que nos reviraram do avesso.

Constituir um texto sobre aquilo que é da ordem da experiência põe como possibilidade rasurar aquilo que se inscreve sobre a pele, sobre as marcas do corpo, sobre o desejo, sobre tudo aquilo que é da ordem do impossível, do inatingível, daquilo que já foi, do que está no tempo e no lugar

¹ Professora de estágio em educação infantil MEN-UFSC. Doutora em educação pela UFRGS.

da experiência, do sagrado. Penso que o movimento por uma escrita que retrate o que é da ordem da experiência, mortifica de algum modo, partes desse vivido. Portanto, narrar o vivido nunca é mais o vivido, e sim, uma nova experiência que se dá agora no movimento de escritura. Por isso, quando escrevemos o que vivemos e/ou o que sentimos, devemos nos perguntar sobre o que queremos com essa escrita, quais os ruídos queremos provocar, quais ressonâncias, enfim, nos perguntamos sobre um outro implicado nesse ato de escrita, nos perguntamos sobre o desejo.

Temos a possibilidade de 'retratar' o vivido, aproximá-lo da palavra ou então, embarcarmos em outra viagem, que é a de nos constituirmos numa outra experiência, essa que se dá pela própria tessitura da escrita, por uma narrativa que se experimenta entre as palavras, os silêncios e os segredos que as compõem, que deslizam sobre formas, textos, gêneros...

Quando pensamos sobre as implicações do dizer, do que vai nas dobras desse dizer nos encontramos com uma nova experiência. Agora, em texto, a experiência é a da escrita, de uma narrativa que vai ganhando e perdendo, enchendo-se e esvaziando-se de sentidos. Dobras, marcas tatuadas na pele, que remete ao movimento do duplo, daquilo que reúne sentido e significado. Marcas de um *escrita-experiência* que remete à intimidade com o traço, com aquilo que se quer dizer, com a palavra que também alteriza-se pelo seu encontro com o 'possível' outro. Esse à quem se escreve.

O ato de uma *escrita-experiência* necessita do outro, da correspondência com o *outro*. Ainda que a correspondência não seja a experiência de retorno, mas o simples recebimento daquilo que chega, ou daquilo que se dá. Presença e Ausência. Dor e Prazer. Luz e Sombra.

Neste estágio nos encontramos com uma infância, com a infância da Comunidade Chico Mendes, com uma infância que nos habitou em cada gesto, em cada olhar, em cada abraço, em cada corpo... Uma infância que nos alterizou, que nos fez encontrar com o novo, com o impensável, com o improvável, com o silêncio. Uma *infância-experiência* que nessa relação com a alteridade aproximou-se daquilo que nos diz Larrosa (2004) da infância que nos escapa, que desvia, que declina, (...) *aquilo que permanece ausente e não abrangível, brilhando sempre fora de seus limites* (p.185).

Reunimos imagens, movimentos, textos, contextos, palavras que nos fizeram desconstruir muitas formas de pensar, muitas certezas, convicções, um verdadeiro processo de alterização, onde diante de vários outros, olhares, fragmentos, corpos, flores, jardins, ruas, becos... fizemos dobrar, multiplicar formas estéticas de convivência, sentir e vibrar a presença do outro, sem ter a preocupação em hospedá-lo, colocá-lo em algum lugar, mas, de se permitir conhecer e pelo outro ser conhecida.

Nos desafiamos juntas a por em questão nossas concepções de infância e portanto, mais do que saber o que é a infância, procuramos pensá-la como algo ainda por nós desconhecido. Vimos que toda tentativa de fixar a infância em uma única designação constitui-se num exercício em encerrar, em sobrepor um valor, uma norma, uma posição-de-sujeito que institui territórios e que pretensiosamente designa a si toda a palavra aprisionando-a e aprisionando-se à ela. Percebemos que a palavra infância eclode em múltiplos sentidos, desdobra-se num enigma seguido por infinitos deslizamentos conceituais

A experiência dessa *infância* nos convidou a pensar o mundo por suas irregularidades, precariedades, contingencialidades, por fim, exigiu-nos lidar com um outro campo discursivo, esse que se faz por aquilo que vaza, por aquilo que resiste, por uma força vital de liberdade que nos interpela a

pensarmos sobre nós mesmos. O encontro com o outro, a marca da alteridade dessa infância.... a heterogeneidade.

O encontro pressupõe presenças em trânsito, entre-lugares, nomadismo. *O não pertencimento a um lugar é a própria condição de uma possível realização de si na plenitude do todo.* (Maffesoli, 2001, 28). Aventura e errância. Aventura ligada ao desejo de um outro lugar a se estar, o desejo (vulgar) de estar em qualquer lugar... Ali estávamos nós, entre as ruas da Chico, nos familiarizando com modos de vida, cheiros, gostos, cores, pessoas, gente.

E assim, vale ainda dizer que... a vida são as paixões que nos habitam. A vida está além das ruas, das casas, das janelas, mas a vida é tudo que está em nós. E que agora nos acompanha.

Arquivo. Memória(?)..... *infâncias*.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.